

## **O TEXTO COMO MATERIALIDADE DE ANÁLISE: CONCEPÇÕES SOBRE O LUSO-BRASILEIRO EM DISCURSOS FUNDADORES DA CIDADE DE CERRO LARGO (RS)**

**LUCIANO LEITE CAITANO<sup>1,2\*</sup>, ALEJANDRO JESUS FENKER JIMENO<sup>3</sup>, ANA BEATRIZ FERREIRA DIAS<sup>2,4</sup>**

### **1 Introdução**

Situado no campo dos estudos linguísticos, o presente trabalho busca compreender enunciados que compõem o livro “Reminiscências” (2002), de autoria do Pe. Max Von Lassberg, cuja temática refere-se ao período da colonização de Serro Azul, território que inclui o atual município de Cerro Largo (RS). Para tanto, fundamentamos a leitura das materialidades discursivas em pressupostos teórico-metodológicos formulados pelo Círculo de Bakhtin e de pesquisadores que se inserem nessa corrente de pensamento.

Partimos do princípio de que todo e qualquer enunciado é ideológico, ou seja, carrega uma carga social valorativa. Portanto, nesse sentido, entendemos que a obra “Reminiscência” (2002) não é neutra, mas sim preñe de enunciados necessariamente ideológicos que, como tal, apontam para visões de mundo quanto aos modos de relações sociais no início do séc. XX.

Para melhor contextualizar este trabalho, torna-se necessário apresentar um breve contexto sócio-histórico no qual se insere a materialidade tomada aqui como objeto de estudo. Não podemos deixar de observar que a narrativa dominante em torno da história de Cerro Largo atribui a origem e fundação desse território às correntes imigratórias que ocorreram no início do século XX, com predominância dos povos germânicos. Esse é o caso, por exemplo, de discursos dominantes que circulam em órgãos oficiais do governo municipal e em livros de historiadores locais, como de Dewes (1966) e Wenzel (2020). Nesses enunciados, é destacada a posição do Pe. Max Von Lassberg na tarefa de colonizador de Serro Azul, sendo considerado,

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Letras - Português e Espanhol - Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Cerro Largo (RS), bolsista de iniciação científica vinculado ao edital nº 153/GR/UFGS/2024, [leitecaitanoluciano@gmail.com](mailto:leitecaitanoluciano@gmail.com).

<sup>2</sup> Grupo de Pesquisa: Língua(gem), discurso e subjetividade.

<sup>3</sup> Mestre em História pela UFGS, professor de História nas redes municipais de Agudo e Santa Maria (RS), [alejandrojfg@yahoo.com.br](mailto:alejandrojfg@yahoo.com.br).

<sup>4</sup> Doutora em Linguística, professora de Língua Portuguesa e Linguística, Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Cerro Largo (RS), [ana.dias@uffs.edu.br](mailto:ana.dias@uffs.edu.br), **Orientadora**.

portanto, de forma hegemônica, o “fundador” de Cerro Largo (RS).

Conforme Miotello (2005), na história da humanidade, diversos grupos humanos construíram poderes hegemônicos, produzindo vários discursos hegemônicos e, por meio desses discursos, garantindo a dominação. Ainda assim, destaca o pesquisador que discursos contra-hegemônicos também são produzidos e propõem outras leituras. Nessa perspectiva, a fim de questionar essa hegemonia, buscamos dar visibilidade a grupos humanos que, durante muito tempo, tiveram suas contribuições marginalizadas na constituição do território nacional.

Segundo Both (2016), antes das correntes migratórias ocorridas no início do século XX — motivadas por poderes políticos e direcionadas às fronteiras agrárias, cabia ao homem livre e pobre a maior parte das tarefas. Essa parcela da população, tal como afirma Both (2016, p. 108-109) — são também conhecidos, na história, em diferentes contextos, como luso-brasileiros, caboclos, nacionais, caïçaras, caipiras, brasileiros, tabaréus, cabras, homens livres pobres, e outros adjetivos mais, que mantinham uma agricultura voltada à subsistência.

Por fim, acreditamos que a compreensão da palavra enquanto signo ideológico é um importante exercício de leitura e interpretação do mundo. Tendo isso em vista, buscamos compreender determinadas relações de poder que perpetuam no âmbito social e se materializam na palavra. Assim, a reflexão em torno da lingua(gem) insere-se em uma discussão ideológica e, como tal, deve ser estudada em profundidade. Dessa forma, nesta temática, procuramos responder, a partir de materialidades discursiva, aos seguintes questionamentos norteadores: Como se sucederam os encontros entre os luso-brasileiros e imigrantes teuto-brasileiros, no processo de colonização e apropriação de terras no território de Cerro Largo (RS)? Que discursos fundadores constituem a materialidade “Reminiscências” (2002), do Pe. Max Von Lassberg?

## 2 Objetivos

Nesta pesquisa, buscamos compreender os encontros e confrontos entre os imigrantes teuto-brasileiros e os nacionais — a partir do objeto tido como análise o livro “Reminiscências” (2002) de autoria do Pe. Max Von Lassberg, no contexto do processo de colonização e apropriação de terras na colônia de Serro Azul (RS) — que compreende o atual território de Cerro Largo (RS), situado na região Noroeste do Rio Grande do Sul, ocorridos no início do século XX.

### 3 Metodologia

A partir da materialidade discursiva “Reminiscências” (2002), buscamos, primeiramente, delimitar o material de análise, partindo da coleta do corpus da pesquisa. Para essa coleta, utilizamos, como critério, os enunciados relativos ao contexto do processo de colonização do município de Cerro Largo (RS).

Prosseguindo, adotamos, como metodologia, o cotejamento entre textos proposta por Geraldi (2012). Considerando que os enunciados estão situados em um dado contexto, e, portanto, repletos de sentidos, procuramos dialogar com com-textos historiográficos e linguísticos, objetivando dar melhor sentido aos enunciados. Como diz Geraldi (2012, p. 33), não deve-se ficar submisso à palavra do outro, é necessário tomar distância desta voz para dar espaço às contrapalavras necessárias. Assim, realizamos o cotejo com outros textos, contrapondo e respondendo, de forma limitada, os enunciados analisados.

### 4 Resultados e Discussão

Partindo para a análise de discurso de enunciados que compõem o livro “Reminiscências” (2002), de autoria do Pe. Max Von Lassberg, trazemos, neste início, a ideia hegemônica que Cerro Largo (RS) teve início como os imigrantes, invisibilizando a existência dos povos nacionais e originários que habitavam este território.

**Trecho 01:** No dia 4 de outubro de 1902 chegamos à casa da imigração de Serro Azul. [...] Foi a data natalícia da hoje florescente colônia. [...] Esses foram os primeiros começos de Serro Azul. (Lassberg, 2002, p. 91) (Grifos nossos).

No segmento 01, identifica-se o conceito de Martins (2000, p. 79), que algumas palavras expressas são carregadas de afetividade, exprimindo julgamento pessoal de qualidade negativa e positiva, valorizadoras e depreciativas. O advérbio “hoje” em conjunto com o adjetivo “florescente” — adjetivo carregado por uma afetividade positiva, que pode significar “desenvolvimento” —, sugere que não havia progresso antes de sua chegada à região, que apenas o colonizador Pe. Max Von Lassberg e os imigrantes alemães seriam capazes de dar o desenvolvimento necessário ao território.

Dessa forma, o Pe. Max Von Lassberg assume um discurso fundador formador. Conforme Miotello (2005, p. 271), o discurso formador, advindo dos mitos fundadores, é caracterizado por tomar o futuro como parâmetro, do futuro a ser construído “o por-vir, os projetos de ser.”, a fim de garantir um eco universal e necessário. Como será visto no segmento

02, é possível escutar vozes do discurso hegemônico religioso católico da Idade Média — caracterizado por Miotello (2005, p. 273), como aquele que silencia a vida real e concreta ao conceder um sentido celestial para as diferenças terrestres.

**Trecho 02:** As colônias alemãs florescem por toda a parte. A nossa querida Serro Azul transformou nos últimos 25 anos a então região selvagem num perfumado jardim de Deus e agora já envia seus filhos para outras regiões para aí realizarem a mesma obra. (Lassberg, 2002, p. 94) (Grifos nossos).

Aqui, observamos, outra vez, uma justaposição entre os nacionais e alemães. Os nacionais são qualificados com o adjetivo “selvagem” que expressa julgamento de qualidade depreciativa, enquanto os alemães são mencionados com o emprego das sentenças afetivas apreciativas “florescem” e “perfumado jardim de Deus”, marcando dois grupos distintos, os “selvagens” e os “civilizados”. A concepção ideológica de o nacional ser um selvagem é recorrente na obra. A seguir, o excerto 3 marca o território ao qual pertence o luso-brasileiro, alinhando-se a narrativas hegemônicas.

**Trecho 03:** Com nossa índole floresce ou fenece uma outra fonte de energia: a lendária, a inquebrantável e a perseverante força de trabalho dos alemães, que põe no chão até os gigantes da mata. (Lassberg, 2002, p. 98). (Grifos nossos).

No segmento 03, é empregado uma locução adjetiva para se referir aos nacionais denominados aqui de “os gigantes da mata”. Tomando como referência o linguista Fiorin (2002), a locução “gigantes **da mata**” pode ser compreendida como um adjetivo espacial, por estabelecer uma relação com um centro ou núcleo de referência locacional — neste caso, o do Pe. Max — indicando para um distanciamento e uma diferença de pertencimento territorial em relação aos luso-brasileiros.

Como aponta Miotello (2005, p. 279), a linguagem atua como um mecanismo de dominação, frequentemente carregando em si, a ideologia dominante de forma disfarçada, embutida e naturalizada. Ainda em conformidade com o autor, tal como observamos na análise dos enunciados, “Quem domina não liberta, mas anseia por escravizar mais.” (Miotello, 2005, p. 279).

## 5 Conclusão

Ao considerar o todo dos enunciados, que dialogam diretamente com o momento histórico, cultural e social em que se encontram, observamos, no livro analisado, sentidos que

buscam sustentar os interesses dominantes à época ao criar uma justaposição com o outro — os luso-brasileiros. Neste material, é possível escutar vozes referentes a teorias culturais e raciais, perpetuadas no âmbito social do século XX, sustentando a ideia de “civilização”. Essa ideologia, como observa Both (2016, p. 201-202), buscava categorizar os grupos humanos, sustentando a premissa de que eles, por serem europeus e brancos, poderiam “iluminar” e promover o progresso do escuro sertão brasileiro, que, na maioria das vezes, era pouco povoado e, quando habitado, segundo essa perspectiva, não era devidamente explorada, atribuindo-se isso à suposta “vadiagem” dos habitantes nacionais.

### Referências Bibliográficas

BOTH, Márcio Antônio. **Caboclos e Colonos: encontros, ocupações e conflitos nas matas do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

FIORIN, José Luiz. **ADJETIVOS TEMPORAIS E ESPACIAIS**. In: ABAURRE, M.; RODRIGUES, A. (orgs.). Gramática do Português Falado: Novos Estudos Descritivos — Vol. 8. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2002.

GERALDI, João Wanderley. **Heterocientificidade nos estudos linguísticos**. In: GEGE. Palavras e contrapalavras: enfrentando questões de metodologia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

LASSBERG, M. V. **Reminiscências**. Tradução e apresentação de Arthur Blasio Rambo. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2002.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística: a expressividade na língua portuguesa**. 3. ed. rev. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MIOTELLO. **A questão da relação dos discursos fundadores com os discursos formadores**. In: GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGE). Triboluminescência: Geggelianos & Bakhtin – ainda à sombra. São Carlos: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE, 2005.

**Palavras-chave:** Signo ideológico; colonos; nacionais.

**Nº de Registro no sistema Prisma:** PES-2024-0203.

### Financiamento:

